



O ENFRENTAMENTO DA MORTE PELO PROFISSIONAL DE SAÚDE NO ÂMBITO DA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA

Eixo Horizontal: EH9: SUÍCÍDIO, MORTE E LUTO

Eixo Vertical: EV3: FORMAÇÃO E ÉTICA

Gabriela Frota de Paula Pessoa; Fernanda Gomes Lopes; Karianne Nayara da Costa Ferreira; Livia Nádia Albuquerque dos Santos; Livia Lorena dos Santos Silva;

O tema morte é culturalmente temido e evitado, com repercussões no campo da saúde, onde o desenvolvimento tecnológico tem privilegiado a cura em detrimento das práticas de cuidado. É um conceito envolto por questões filosóficas, científicas, religiosas e culturais, capazes de lhe atribuir visões diversas, muitas vezes incompatíveis e conflitantes. Os cuidados paliativos surgem para trabalhar a morte e o morrer, numa perspectiva de ampliação da assistência. Neste sentido, a busca é por uma morte ocorrida no tempo certo, não desqualificando os esforços para a cura, mas também não fomentando a utilização de recursos desnecessários que posterguem a vida a qualquer custo. Considerando essa multidimensionalidade do cuidar, é primordial que o acompanhamento dos pacientes e familiares seja realizado por uma equipe multiprofissional, durante todo o processo de cuidados. Portanto, cuidar paliativamente requer, muitas vezes, um tratamento mais ativo, mais abrangente e mais complexo. O presente trabalho é um recorte da dissertação de mestrado realizada por uma das autoras, que teve como objetivo compreender a experiência da promoção da dignidade no morrer vivenciada pelos profissionais de uma equipe de cuidados paliativos em oncologia pediátrica. Neste fragmento, a busca é pela compreensão do enfrentamento da morte para esses profissionais e suas implicações na prática. Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo, baseado na fenomenologia hermenêutica de Gadamer, tendo por instrumento a entrevista semi-estruturada com nove profissionais da equipe de cuidados paliativos de um hospital referência em oncologia pediátrica, do Ceará. Os entrevistados ressaltam implicações profissionais e pessoais frente ao contato com o morrer. Demonstram a afetação vivenciada cotidianamente, bem como um posicionamento de afastamento e evitação do fenômeno, em decorrência dos sentimentos adversos evidenciados. Os achados revelam carência de formação teórica e emocional para lidar com a morte, fator que revela a necessidade de criação de espaços de capacitação e aprimoramento. Assim, sabe-se que não existe um momento em que os profissionais sintam-se completamente capacitados para lidar com todas as minúcias envolvidas no processo de morrer de seus pacientes. Porém, espera-se que, com maior aprimoramento teórico e emocional, possam estar preparados para maior disponibilidade à temática, vivenciando os cuidados paliativos de maneira mais coerente e menos dolorosa, compartilhando as dificuldades e potencialidades apresentadas com todos os envolvidos, em um processo de construção complexo e rico em crescimento.